

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fôra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

PROPRIETÁRIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e comunicados 50 » » »
Repetições 25 » » »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A INFLUENCIA DOS JESUITAS

I

O papa e o geral dos Loyolas são dois poderes cosmopolitas, dos quaes o segundo ora se subordina, ou antes se allia ao primeiro, ora o influe e domina, ou affronta.

Para bem se avaliar a acção de ambos é preciso não considerar a só religiosa, mas politica e sobretudo debaixo d'este aspecto.

Não tem sido constantemente as mesmas as suas relações, e tanto na egreja em geral, como na Sociedade de Jesus, sempre houve partidos, e ora um, ora outro prevalece.

Regulemo-nos pela França, e vejamos quaes eram as doutrinas politicas do clero francez desde 1830 a 1860, e quaes são agora, ou depois de 1877.

O bispo Dupanloup dizia em 1845. «Nós queremos todas as liberdades—as instituições livres—a liberdade de consciencia, a liberdade politica, a civil, a industrial, a das familias, da educação, das ideas, e a igualdade perante a lei—tudo isso o aceitamos francamente. O abade Bautain, vigário geral da diocese de Paris, nas suas conferencia em *Notre Dame*, de 1847 a 1848. «A liberdade politica n'um povo é a condição da sua existencia religiosa—convém, que os homens sejam activos com todas as prerogativas e inconvenientes da liberdade.»

O bispo de Langres, monsenhor Parisis, publicava a *Theologia* da liberdade, da qual publicaremos alguns extractos ainda mais positivos sobre a liberdade dos cultos, a liberdade da imprensa, do ensino etc.

Em 25 de Fevereiro de 1868 o arcebispo de Cambraia escrevia: «a egreja foi a primeira a proclamar ao mundo as ideas da liberdade, de humanidade, e de fraternidade universal»—(illude-se o Sr. arcebispo).

O cardeal, bispo de Bourges, em 6 de Março. «Os principios, que vão começar uma era nova, são os que sempre a igreja proclamou».

Os bispos de Cap, d'Aix, de Chalons, de Nevers, affirmam nas suas pastoraes, que esses principios são a expressão mais pura do Evangelho.

O mesmo os bispo de Seés, d'Angouleme, de Nancy.

O bispo de Langres ácerca do suffragio accrescentava «o principio da igualdade perante deus é rigorosamente posto em pratica no suffragio—todos tem o mesmo direito ao seu voto—não existe a menor differença entre a lista do pobre, do serviçal, do operario, e do nobre—eis a realisação social das palavras do Apostolo a não ha distincção alguma entre vós.»

No seu livro—*a Democracia perante o ensino catholico* o mesmo prelado ainda é mais expressivo. Mas em 1856 os jesuitas de Paris foram accusados de liberalismo pelos de Leão e de Roma—e estes venceram.

O abade Godard, que em 1861 ainda ousou publicar a sua obra—*Os principios de 89 e a doutrina catholica*—foi obrigado a retratar-se.

O conde de Montalembert, chefe dos catholicos liberaes, promoveu o congresso de Malines em 1863 contra os jesuitas,—mas respon-

deu-lhe de Roma o *Syllabus* de 1864.

Pio IX declarou o catholicismo liberal mais funesto que a odiosa *communa* de Paris.

Montalembert morreu desesperado contra Roma—publicaremos uma das suas ultimas cartas.

Desde então as doutrinas politicas do clero, hoje todo influido pelos jesuitas, mudaram, como veremos no artigo seguinte, e são as de *Mermillot, de Chenelong, e do Conde de Mun*, formalmente expressas diante dos bispos em nome das associações catholicas, ou ultramentanas, que vigoram.

Os bispos sujeitam-se aos jesuitas por necessidade, e porque assim lhes convém—mas não confessam uma situação tão humilhante.

D'ahi o actual conflicto entre a egreja e o Estado.

(Continúa.)

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

LITTERATURA

PAULO ALBERT E BALSAC

II

O modo, como encarei o romancista e os seus romances, ainda hoje o não julgo contestavel, vendo que Paulo Albert publicou as suas lições annos depois de Chales e de Taine, e se tivesse de corrigil-os, tel-o-hia feito no seu curso de Litteratura.

Foram escriptos os meus artigos em 1868 e só publicados em 1873, ou em 1874, como realço ao que havia dito sobre o *Realismo*. Por esse tempo li os *Estudos de Critica e de Historia* de Taine, e sem ser immodesto posso louvar-me de que a primeira tentativa de apreciador litterario, que usei, se abona com tamanha autoridade: creio até, que se não encontraria então outra, que entrasse mais no amago do assumpto, mais philosophica, nem mais claramente exposta—estava n'esta illusão, quando o meu censor pretendeu desfazer-m'a, mas ainda me ficou depois da censura.

Extranho, que contra mim invocasse a opinião de Taine, sendo-me esta bem favoravel—n'este ponto o meu censor tem que desdizer-se.

Como já preveni os que me leem, eu só qualifiquei de *inscientifica* a psychologia de Balsac, mas na analyse da vida social, no estudo dos caracteres em acção vemos o methodo da sciencia applicado ao romance—e eu frisei este merito da sua arte, mas não emquanto á vida interior, aos principios, que a determinam, Balsac *falseou geralmente* a verdade moral, como dissemos.

Citemos aqui alguns periodos da *Physiologia Social* de Chales, que data de 1875.

«Seria para desejar, que Balsac nascesse n'uma epocha e n'uma situação menos desfavoravel ao methodo, que se impoz no estudo do homem—*falseou a sciencia*, que antes de tudo é imparcial, dando a cada proporção o seu valor, e em toda combinação

d'elementos a quantidade exacta a cada um d'elles, etc.

«Se Balsac se contentasse, como um narrador oriental, de nos divertir com uma lanterna magica variada, nós não teriamos razão em pedir-lhe mais—mas Balsac é sabio—com o escalpelo na mão dissecava sem dó a sociedade—trata-se de sciencia—está absorvido da sua tarefa até que se alucina—procura o que é real, e o que mais é, encontra-o «e ser-lhe-hia, fiel, e respeitavel—se as pacientes investigações lhe deixassem o espirito senhor do que observou; porém a sua estranha e particular tendencia era evocar por uma feiteiceira interna as realidades, que *falseava*».

«A camara escura do cerebro se lhe illuminava, ou antes inflamava-se, e as imagens, que recebia, tomavam proporções, saliencias, brilhos, e sombras, que *nunca a realidade conheceu*».

«Mais bilioso, e mais sanguineo, mais nervoso tambem, que nenhum outro, como o seu temperamento excedia a medida ordinaria, resultou d'este triplo excesso uma intensidade desmedida e *necessariamente falsa* de cores e de linhas, de contrastes violentos, e de paixões profundas e ardentes, *sem relação* com o mundo actual, suas fraquezas, concessões, transacções, compromissos e mentiras.»

«Balsac ampliava, enegrecia, ou illuminava tudo»—*«La verité était faussée»*.

«A sciencia do real ficava ultrajada, aviltada, e como desconhecida.»

«O magico, comtudo, tinha realisado o prodigio».

«Ninguém semelhante um magico mais do que Balsac.»

«Era menos um observador que um vidente».

«Não acreditava nos factos senão quando os tinha inventado e colorido».

«Um caixeiro viajante passa diante d'elle, com ares alegres, vulgares, insolentes—eis *Gaudissast*—um bravo invalido lhe apparece, e ahi temos—Goriot.»

«Nada de moral distinguia o odioso libertino na velhice, *Hulot*, do nobre e honesto homem o velhaco impudente, o hediondo intrigante *Vautrin*, do pobre Lambert—a vil cortesã da virgem casta—estudados com igual attenção, correspondem a *forças diversas que representam legitimamente*».

Esta longa citação em nada differe da nossa analyse aproximada do ultimo periodo transcripto o seguinte, que é nosso.

E esse mundo de seres inferiores, que pollulam nas regiões imundas da sociedade com côres tão naturaes os descreve, com uma vida tão normal os anima, que a imaginação os aceita por typos verdadeiros e não como degenerações da especie.

(Continúa)

Lourenço d'Almeida Medeiros.

CHRONICA D'ESMORIZ

Ora vamos lá, sr. A., e conversemos um pouco, muito embora v. ex.ª não mereça esta prova de attenção e benevolencia que

vamos dar-lhe. Não a merecia, porque nos surgiu na frente a roncar pó, pó, pó; pó, pó, pó, que tinhamos despejado nas columnas d'este jornal uma cabazada de mentiras! Santo Breve da Marca! Não ganha a gente para sustos! Uma cousa assim! Mentirosos nós e, que é mais, quatro vezes mentirosos! Ficamos azabumbados! Outro no nosso logar ao vel-o surgir n'arena assim vestido de fadista, com o chapéu impinado para a nuca, as botas esboracadas e de braços arremangados, procurando ferir-nos com a sua navalha de ponta e mola, outro no nosso logar talvez lhe não desse trela ou deitasse a fugir espavorido. Nós não o fizemos, porque, com franqueza, nunca fomos assustadiços nem desattenciosos.

Nunca voltamos as costas ao inimigo nem fomos feridos senão em pleno peito. D'ahi a resolução que tomamos de descer á estacada a terçar armas com v. s.ª para erguermos o cartel de desafio que teve a ousadia de arremessar-nos á cara. Creia, porem, que não esperamos sahir mal da contenda. São de boa tempera as armas de que vamos usar e conhecemos bem o terreno que temos de palmilhar.

Depois... não podemos deixar de confessar que sempre gostamos d'estas luctas plumitivas e muito mais, quando temos de esgrimir contra adversarios leaes, sabedores e bem educados.

Sentimos um verdadeiro prazer em entrar n'estas discussões, porque é da discussão que sae a luz que sempre amamos entranhadamente! Não nos julgue pois um retrogrado, um obscurantista ou um casmurro.

Não. Não somos d'aquelles que, feita uma affirmação, batem o pé e a todas as objecções só respondem:

E' de pau e bem bonito.
E' de pau e... tenho dito!

Não. Sempre costumamos curvar-nos deante da evidencia dos factos e da força dos argumentos solidos e incontestaveis. Se, portanto, conseguir produzil-os, desde já lhe garantimos que não nos recusaremos a dar-lhe a mão á palmatoria.

E dito isto sr. A., aprume-se, vista as suas luvas brancas, dispa o fraque, tome terreno e ponha-se... em guarda, como fazem os cavalheiros que se presam e que conhecem as leis que regem estas luctas!

Sim, meu amigo, porque estas contendas não se deslindam á força de pau ou com punhados de lama.

Não e tambem não é da praxe o cahir logo no principio a fundo sobre o adversario, como o sr. A. fez. Esses botes costumam reservar-se para o fim...

De modo que, quando algum principia por elles, estala prestes o ditado de que a entrada de leão seguir-se-ha sabidas... de...

E não virá a ser este o seu caso?

Venha ou não venha, jogue e atire... que tem deante de si um contendor leal, sim, mas que saberá aparar-lhe os golpes e que hade esforçar-se por o desarmar! Em guarda pois, e segure-se no balanço, se não quer... beijar a terra!

Lá, porque nos atirou com a tal cabazada de mentiras, não pense que tem ganha a victoria e que nos reduziu a pó, terra, cinza, nada!

Não. Uma vez vimos entrar n'uma feira um celebre jogador de pau que, brandindo-o directamente, conseguiu levar deante de si um povileu immenso. Mas a fo-lhas tantas alguem jogou-lhe do lado uma cacetada e... prostou-o redondamente no chão. Não lhe pôde acontecer o mesmo?

Não é que nós tenhamos a intenção ou os maus figados de o fazer, mas temos a obrigação e o direito natural de nos defendermos das suas pontuadas e de lhe mostrarmos que não somos uns caloios ou uns soldados bisonhos e inesperientes n'estas luctas. Examine, pois, detidamente o seu montante e veja se pôde ater-se a elle até ao fim... Mesmo, porque aquellas suas primeiras estocadas tão desgrenhadas e tão sem geito, nós deixaram quasi convictos de que elle não está bem afiado o que é mais de que Deus não o fadou para o manejar. Sim, pareceu-nos que o sr. talvez saiba manejar vem a segura ou o malho; mas a pena... não. Rebusque, pois, no seu bernal ou na sua sacola e veja se tem por lá cousa mais fina e apilarada!

Talvez nos retruque, que não sabe mais e que mesmo não tem obrigação de saber mais! Sim, está muito bem; mas quem o mandou ao sr. sendo sapateiro, tocar rabeção? Lá pela terra não haveria quem soubesse mais alguma cousa?

Havia de certo. Pois então deixasse a esse alguem a pena e os linguados e tratasse o senhor dos seus barris e dos seus canecos. Mesmo, porque isto d'um individuo se metter, onde não é chamado e além d'isso o de se falar do que quasi se ignora é arrojo ou pedantismo demasiado! Pois não é?

Lembre-se de que se o sr. nos chamasse a terreiro para comnosco discutir como se administra bem uma tanoaria ou como se mette um fundo n'um barril, nós não sahiriamos de casa, porque não pescando nada d'essas rege-dorias tinhamos de lutar comsigo, estando collocados em terreno desigual.

Pois é n'essa posição que o sr. se encontra para comnosco. No entanto, já que assim o quer... aqui nós tem.

Mas fique desde já sabendo que não mentimos nas nossas chronicas, porque n'ellas apenas narramos o que nos contaram pessoas fidedignas e o que lemos em documentos authenticos.

E n'esse caso se o sr. soubesse o que era mentira, não avançaria o que avançou.

Sim, porque mentir é affirmar uma cousa e sentir outra.

Por exemplo, os de Cortegaça sabem muito bem que appareceu o antigo marco divisorio das duas freguezias e que os seus limites iam até elle. Mas negam-no, dizendo não só que aquella pedra apparecida não é o marco, mas tambem que os nossos limites não vão até lá.

N'este caso... mentem, porque affirmam o contrario do que tem na mente.

Mas, deixemo-nos de philosophias, e esmiucemos as taes qua-

tro mentiras que os seus olhos argutos depararam nas nossas chronicas.

Antes disso, porém, precisamos dizer-lhe que não sabemos como é que o sr. tendo de fallar da questão entre Esmoriz e Cortegaça principiou por disreterear sobre a politica dos membros das duas Juntas de Parochia. Sim, porque afinal de contas que tem a politica do sr. João Pereira d'Oliveira, ou de qualquer dos membros d'aquellas corporações, com tal questão.

Amigos, amigos (mesmo politicos), mas negocios (quer dizer os interesses d'essas corporações) á parte. Deus nos defenda de que as suas idéas e as suas theorias corrassem no mercado, como moeda de fino quilate. Estavamos bem arranjados!

S. s.^a será tão falho de conhecimentos que não saiba que os membros dos corpos administrativos não são mais que mandatarios do povo e que, quando a elles pertencem, nada mais tem que defender os interesses d'esses povos e não os seus ou os dos seus amigos quer politicos quer particulares?

Pois se trocarmos em meudos o que o sr. A. escreveu na «Discussão», chegamos á conclusão de que queria que o sr. Pereira d'Oliveira entregasse a freguezia d'Esmoriz á de Cortegaça, visto elle ser amigo politico dos membros da sua Junta!

Bonita e honesta theoria não acha?

Limpe as mãos á parede que lhe ficam claras como as... d'um fogueiro!

Peça diploma d'invenção que lh'o concedem com certeza, porque esta é nova em folha! Que taes infamias e indignidades se hajam dado por esse mundo fóra, concordamos, mas que d'um abuso inqualificavel e merecedor d'uma grilheta se queira fazer um principio, uma norma de vida, essa só d'um cerebro... de Cortegaça!

Sim, só d'um cerebro de Cortegaça podia sahir, porque a gente dessa freguezia julga-se privilegiada e que o resto da humanidade deve curvar-se reverente deante della e adoral-a como um fetiche!

Sr. A., voltemos o bico ao prégo e façamos uma experiencia.

Como o Sr. Pereira d'Oliveira é amigo politico dos membros da Junta de Parochia da sua freguezia correlactivamente estes devem ser tambem amigos delle.

Muito bem. Grite aos seus que por isso façam o que o Sr. Pereira d'Oliveira lhes ordenar! Bem de certo lhe responderia encolhendo os hombros ou fazendo-lhes armas de S. Francisco... E' que

Sr. A., a politica nada tem e nada ha-de ter n'esta questão.

Os seus dirigentes progressistas, d'este concelho declararam sempre esta questão uma questão aberta e que perante ella cruzariam os braços. Tem-no cumprido, honra lhes seja e creia que, se o Ex.^{mo} Sr. Dr. Soares Pinto n'ella interveio, foi com a louvavel intenção de apaziguar duas corporações, onde conta amigos dedicados.

Se o não conseguiu, não foi por culpa dos d'Esmoriz, mas sim dos de Cortegaça que faltaram como pretos á sua palavra.

Além disso deduzimos, da insulsa prosa do Sr. A. que s. s.^a ainda lê pela antiga cartilha politica que ensinava que em tal campo todos os meios eram bons, contanto que se conseguissem os fins e que um homem podia ser um refinado tratante em politica e merecer a consideração qual se na sua vida particular fosse honrado e honesto. Sr. A. essa farrapagem passou á historia. Foi lançada ao monturo do passado, onde está apodrecendo, e d'onde já mais voltará. Hoje, meu amigo, quem quizer passar por honrado ha-de sel-o em todos os seus actos, quer politicos quer particulares!

Pois o Sr. não vê o saneamento moral que se vem fazendo na vida politica do nosso paiz? Veja a montaria feita pela illustrada e muito digna magistratura portugueza aos galopins sem consciencia nem dignidade de todos os partidos que se serviam da sua bandeira politica para perpetrarem as maiores patifarias e as maiores infamias! Veja a corrida em pello que ella vem fazendo aos trampoloneiros politicos, a essa raça maldita que tantos males fez á moral social do nosso paiz!

Mas olhe que os bons caracteres, as almas nobres louvam e applaudem com todas as veras da sua alma essa campanha de hygiene social, e erguem nos seus escudos os magistrados que tal emprehenderam!

E fique certo de que a sociedade mundana ha-de cobril-os de benção e a historia inscrever-lhes os nomes entre os grandes benemeritos da sua patria e da sociedade.

Pelos modos, se o Sr. Pereira d'Oliveira lesse pela velha cartilha e atraçoasse Esmoriz em favor de Cortegaça, o Sr. A. applaudio-a. Como lê pela nova e procede como costumam proceder os dignos e os honestos, apedreja-o!

E' caso para dar parabens ao Sr. Pereira d'Oliveira.

O seu procedimento é o d'um perfeito homem de bem.

Vendo-se entre as suas amiza-

les politicas e os interesses da sua terra, optou por estes.

Merece porisso censuras? Não merece os louvores de toda a gente honesta e honrada e quer ver o Sr. A. até que ponto chegou a coherencia do Sr. Pereira d'Oliveira? Ouça.

Toda a gente sabe que foi elle quem fez com que gorasse o accordo feito entre os Snrs. Abbade de Cortegaça, Abbade Pinheiro d'Esmoriz a respeito dos limites das duas freguezias acolá na Costa.

Pois tambem se sabe, e nós já aqui o escrevemos, que foi elle o primeiro a regeitar o que foi proposto pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Soares Pinto.

Porquê? Porque ambos lesavam Esmoriz. Pergunte aos Snrs. Dr. Soares Pinto e Abbades d'Esmoriz e Cortegaça se esta é ou não a verdade!...

Talvez s. s.^a nos retruque que o Sr. Pereira d'Oliveira afinal de contas sempre veio votar o ultimo.

Sim, Sr., votou-o, mas com a variante que accordou com o Sr. Abbade de Cortegaça em virtude da qual a linha divisoria das duas freguezias seguiria em recta da Camboa ao cunhal do palheiro do Sr. Cantinho na Costa.

E sabe, porque o votou com esta variante? Foi, porque, segundo ella, Esmoriz perdia na costa uma ourella de terreno, mas em compensação ganhava outra cá em cima ao pé da estrada que vae para Ovar.

E quem assim procede, merece que se lhe atirem pedras?

Não por certo.

Zé Petinga.

A QUESTÃO DOS SANATORIOS

Tem levantado uma celeuma de mil demonios a questão dos sanatorios da Madeira.

Ha quem affirme que, á sombra e com o rotulo dos sanatorios, se pretendia transformar a nossa formosa ilha n'um Monte-Carlo. A imprensa opposicionista, tendo as *Novidades* por porta-estandarte, vêm fazendo uma campanha violentissima contra o governo. E falam na gorgêta de 15:000 libras que deveria receber o commendador Gonçalves.

Salvo o devido respeito por tão illustres opiniões, parece-nos que, o que mais doue á imprensa da opposição, e em especial ás *Novidades*, foi a farta gorgêta do Commendador. Pudéral! Tivesse o Gonçalves dividido a gorgêta com as *Novidades*, que poderiamos garantir-lhe que encontrava na imprensa da capital quem defendesse o seu negocio.

abandona covardemente o sexo fragil, a exemplo do seu nobre pae, de quem é filho bastardo; que recruta os seus ministros entre dissolutos, refolegando nas orgias; que se rodeia de bacchantes desgrenhadas, calcando aos pés todo o pudor... Oh! gregos! não sereis acommettidos de terrivel demencia para erguer altares á embriaguez?!... Os deuses da Grecia e as suas lendas envergonham o espirito humano.

Não mancharei a minha pena escrevendo as abominações d'outros deuses inferiores e seus acolytos; as suas impurezas, e ignominias não tem analogos entre os mortaes mais objectos e aviltados. A minha razão revolta-se contra as immoralidades dos vossos deuses, e a sociedade deveria abolir seus ministros e cultos.

Diagoras nem as musas respeitou; apresenta as dansando uma dansa lincenciosa com Apollou e os Satyros, sem nenhum receio de serem mal reputadas. São pois estas muzas que inspiraram a Homero todas as tolices e extravagancias que divulgou attribuindo-as aos deuses. Que vergonha para ella e para o velho cantor!

E vós, estúpidos Athenienses, querieris que Diagoras reconhe-

Mas o Commendador ou é ganancioso ou foi pouco esperto. Se o negocio era rendoso, havia lugar para mais alguém que lá quizesse aninhar-se.

Gonçalves está agora a pagar o premio da sua ambição. Não distribuiu a gorgêta? Gonçalves é um intruso, é um bandido. Distribuiu parte das lúvas? Gonçalves era homem de bem, e até mais do que Commendador: era grã-cruz, como lhe chamou o deputado Homem de Gouveia. Gorgêta, ha muita gente que não a recusa, antes a pede. Gorgêta, houve quem a mandasse pedir ao Conde de Burnay, para não atacar o contracto dos tabacos.

Gorgêta, houve quem a recebesse pela defeza da *irmã* Collecta.

Uma, era de 50 contos; a outra, foi de mil libras.

Se as *Novidades*—porta-estandarte da revolução—quizessem esclarecer-nos sobre o negocio das *gorgêtas*... muito teriamos que aprender e que admirar!

BOLETIM ELEGANTE

Fizeram annos:

No dia 19—o menino Lourenço, filho do nosso particular amigo, José Marques da Silva Terra.

E no dia 21—o sr. José Ramos, e a ex.^{ma} sr.^a D. Rosa Lagoncha.

NOTICIARIO

O Espirito das Nações, ou as Ideas Geraes na Historia

Eis o titulo de um livro do qual brevemente se publicarão a *Introdução e a 1.^a Parte*—«ahi o seu autor, o Sr. Lourenço d'Almeida e Medeiros, passa em revista as civilizações antigas e modernas, mostrando como na evolução historica das nações ha phases semilares, d'onde conclue as tendencias geraes, que a determinam.

Conselheiro Albano de Mello

O sr. Conselheiro Albano de Mello, dignissimo Director Geral do Ministerio da Justiça, tem passado muito encommodado com a *grippe*, na sua casa d'Agueda.

Desejamos a s. ex.^a rapido restabelecimento.

cesse por deuses estes saltiadores estas prostitutas com que povoaste o vosso Olympo?! Ah! não... eu não sou louco, nem poeta, e conservo ainda o meu bom senso. Vós condemnaste-me á morte porque fiz salientar as monstruosidades da vossa theologia; a minha cabeça foi posta a preço porque descobri as indignas tratantices dos ministros dos vossos deuses infames; a vossa condemnação é a evidente prova que o fanatismo conduz sempre ao assassinato. Lamento a triste cegeira em que os hypocritas vos sepultaram... Mas, para vós tambem, cegos Athenienses, ha-de chegar o dia em que, á força de serdes ousadamente illudidos e roubados, abrireis os olhos á luz; então haveis de deplorar e expiareis os crimes com que vos haveis manchado para defender os vossos deuses. Com sinceridade, acreditae que os deuses precisam da protecção do homem? Que insensatos que sois em acreditar tal enormidade.

Oh! cem vezes criminosos são os que assim conseguiram degradar a vossa razão e vos inspiraram os odios do fanatismo religioso.

Eis porque declarei uma guerra de morte a estes seres imagi-

Commissão de beneficencia escolar

Esta commissão reuniu no proximo passado domingo 17 do corrente, afim de tomar conhecimento de varios assumptos, e entre outros, o de uma carta recebida pelo Presidente dr. Chaves dos Senhores Saramago & Irmãos, nossos patricios estabelecidos em Nictheroy-Brazil.

Estes senhores quizeram mais uma vez mostrar o quanto lhes é cara a sua terra, pois a não esqueceram quando do anniversario da fundação da grande casa commercial, e em commemoração enviaram ao Presidente da commissão uma letra de 100\$000 réis fortes para o cofre da mesma.

Não é esta a primeira vez que estes senhores contribuem com o seu obulo para o engrandecimento e bem estar da terra que lhes serviu de berço.

A commissão querendo manifestar os grandes benemeritos a sua gratidão, reuniu em sessão extraordinaria, resolvendo lançar na acta um voto de agradecimento e louvor, instituir um premio com o nome de Premio Saramago, e mandar fazer um quadro para ser affixado em cada uma das escolas officiaes com os nomes dos referidos benemeritos, a bem assim com os de Antonio Roiz Abbade, Manoel Ferreira Carapinha, Ventura Lopes Carvalho e José M.^a Lopes Ramos, que em Maranhão se constituiram em Commissão e angariaram 332\$900 réis fortes que já ha tempos entraram no cofre da Beneficencia escolar e a que então já nos referimos. Tambem n'esse quadro serão incluídos os nomes dos Srs. Celestino Soares d'Almeida e Antonio Arthur Ferreira da Silva que á mesma Commissão tem feito valiosos donativos e prestado relevantes serviços.

O Sr. José Vidal digno sub-inspector escolar d'este circulo que assistiu á reunião de bom grado se associou a estas resoluções.

Bem hajam pois aquelles que por meios varios, se esforçam porque as trevas do espirito se vão dissipando e que por todos os meios contribuem para o desenvolvimento da instrucção.

Offerta do Papa

S. Santidade Pio X, enviou para a nova igreja parochial de Santiago de Vigo, Hespanha, uma magnifica casula bordada a ouro e seda.

Em breve terá logar a inauguração da nova igreja.

narios a quem chamaes deuses, e sobretudo aos seus ministros ainda mais perigosos. Apostolos da humanidade, eu fiz o meu dever esforçando-me em reconduzir ao verdadeiro caminho estes cegos transviados; porque de todas as verdades a mais evidente a meus olhos é que a superstição tem sido mais funesta que todas as outras loucuras humanas, que todos os seus crimes: eis porque me chamaram atheo, e me condemnaram á morte.

Taes são os documentos fornecidos por Timocrito sobre Diagoras de Mellos: os que eu obtive em Athenas, concernentes a este philosopho pouco differem—pretende-se que a sua raiva aos deuses vinha da perda d'um processo, do que eu duvido—alguém lhe roubou uma obra—citado por Diagoras, o larapio jurou, que era elle o auctor—os juizes decidiram em seu favor—Diagoras vivamente impressionado com esta occorrença, exclamou: visto que o velhaco ganhou a causa contra um homem honesto, e que os deuses deixaram commetter uma ta injustiça, eu prefiro a accusal-os crer que não existem.

(Continúa.)

C. M.

FOLHETIM

NOITES DE CORINTHO

por Debay

Os Serões de Lais

XIV

Erratas do n.^o antecedente

Erro—lealdade; emmenda fealdade. Erro—Possideron; emmenda—Possideon. Erro—Jano—emmenda—Juno. Erro—carnificina—emmenda—carnificina. Erro Thessatia—emmenda—Thessalia. Erro—Hora—emmenda Hera.

Minerva, esta casta deusa da sciencia que tambem conta amores terrestres, estava sujeita á accessos de colera, os mais funestos: assim para vingar-se de não ter sido convidada para o festim de Enneo, feriu a Caledonia e a Etolia com terriveis calamidades: eis ahí a boa e sabia deusa.

Venus, a deusa mais libertina do Olympo, que no ceo, na terra, aqui é além espalhou os filhos dos seus amores indignos, que apesar d'isso adquiriram o titulo de semi-deuses.

TEMPO

As chuvas cessaram, mas o tempo continua frigidissimo.

NECROLOGIA

Falleceram, n'esta villa, o snr. Miguel Soares d'Almeida, pae e sogro dos nossos particulares amigos Celestino Soares d'Almeida, e Francisco Maria d'Oliveira Ramos, e a Snr.^a Maria Valente Godinho d'Oliveira, sogra do nosso prezadissimo amigo o Snr. Joaquim Duarte Pereira do Amaral, importante proprietario em Sande, d'esta freguezia.

A's familias enlutadas enviamos os nossos mais sentidos pezaes.

Furacão

Em Madriã, na manha de quinta-feira finda, desenvolveu-se um violento furacão, sentindo-se tambem em Paris, occasionando a interrupção de muitas communições telephonicas e telegraphicas.

Mobilisação de tropas

A ordem do exercito, publicanda na segunda-feira passada, inserere o regulamento para a mobilisação de tropas com as disposições geraes do material que deve ser mobilisado.

Guerra Russo-Japoneza

Kuropatkine o celebre general em chefe do exercito russo na Manchuria, escreveu ultimamente um livro sobre a guerra russo-japoneza, na qual dirige graves ataques aos generaes Haulbss, Grippenberg e Rennenkampof, em rasão de que estes reptaram separadamente para duello a Kuropatkine.

Barcos de pesca naufragados

No dia, 21, na Corunha e Santander, Hespanha, naufragaram alguns barcos de pesca, morrendo o arraes d'um d'elles.

FOLHETIM

Contos d'Aldeia

O Jantar do Natal

Ahi vae lêr-se a historia d'essa mulher. A sua vida é a vida trivial de muitas desgraçadas.

Quando tinha apenas deosito annos, Rosa chorou as primeiras lagrimas do coração retalhado sobre o cadaver da mãe, que lhe expirou nos braços.

Ficava sósinha no mundo, a viver pobremente do seu trabalho honesto e incessante. sem uma voz consoladora que a alentasse a arrostar todas as adversidades, que a sorte lhe havia de deparar.

O grande perigo estava-lhe na peregrina formosura do rosto e na innocencia do coração, que é a formosura da alma.

Um dia o Benjamim tecelão, um rapaz alegre e bem parecido, que de ha muito lhe arrentava a porta, disse-lhe que a amava; e, para justificar a sua declaração, propoz-lhe com voz tremula a sua mão d'esposo. Mentiu-lhe.

Ao cabo de onze mezes, durante os quaes o tecelão ia inventando embargos á realisacão da sua promessa, a pobre rapariga deu

ACRATAS

Em Baku, Russia, no dia 20, deu-se um grande tiroteio entre os acratas e a policia, ficando mortos um dos agentes e trez anarquistas, e feridos um agente de policia e varias pessoas inoffensivas.

Effectuaram-se muitas prisões.

Doença do somno

O snr. Ministro da Marinha tem intenção de mandar á Ilha do Principe, Africa uma missão scientifica para ensaiar algumas medidas de prophylaxia geral contra a doença do somno, que alli tem um meio adequado encontrado ao seu desenvolvimento, causando prejuizos importantes á agricultura.

Naufragios

Entre o Cabo Branco e o Rio Ouro, Costa d'Africa, naufragou o cruzador francez «Jean Bart», que seguia de Toulon para Dakar, levando a bordo 350 homens.

A tripulação acampou, alimentando-se de caça e de pesca, mingando-lhe porém a agua potavel.

O governo francez mandou quatro vasos de guerra em soccorro do «Jean Bart», cuja guarnição fez desembarcar alguns canhões para se defender dos ataques dos indigenas.

Proximo de Hook, em 21, naufragou o paquete inglez «Berlim», da Great Eastern Railwaz Company, que seguia de Harwiche para Hook of Holand, perecendo afogadas 200 entre as quaes 100 passageiros.

Escola Movel Agricola

«CONDE DE SUCENA»

Em Ovar

Mappa das licções durante a 6.^a semana, desde 17 de Fevereiro a 24 de Fevereiro de 1907.

Agricultura — Assumptos das licções explicativas: Prados e pastagens. Prados naturaes e artificiaes. preparação da terra, sementes, adubações, cuidados culturaes. Creação de gado. Selecção e reproducção.

á luz uma filha. As primeiras alegrias da mãe deram treguas ao soffrimento do coração ludibriado. A filha chamava-se Isabel, que era o nome da mãe de Rosa.

Depois, quando as lagrimas lhe rebentavam copiosas, Rosa tomava a creancinha nos braços, e um sorriso d'ella era-lhe um grato refrigerio para as amarguras da vida.

O operario entendeu que a filha era um vinculo mais apertado do que a estola d'um sacerdote. Propoz a vida em commum. Rosa accedeu de prompto, fiada em que o amor de pae talvez despertasse na consciencia de Benjamim a ideia do casamento, que a rehabilitasse.

O tecelão, vendo que o trabalho de Rosa bastava ás despezas da casa, deixou-se ficar uma semana sem ir á fabrica. Quando a ociosidade lhe era tediosa, ia procurar distracção na taberna mais proxima. Voltou de novo ao trabalho; mas o seu producto dispendia-o comsigo e com os amigos, ás mezas das tabernas e ás bancas do jogo, esquecendo-se de Rosa e da filha. Aconteceu Rosa adoecer da muita fadiga, e pedir algum dinheiro a Benjamim. Não teve elle coragem de lh'o negar; mas entregou-lh'o de um modo tão aspero, que offendeu o coração da desventurada mãe.

Foi ahi que principiou o calvario de Rosa!

Continúa.

Trabalhos praticos realisados: Exertia de arvores fructiferas. Plantação de batatas. Formulas de adubação; preparação de adubos. Exames de vinhos; collagens de vinhos.

Palestra: Realiza-se em S. Vicente de Pereira, ás 10 horas da manhá.

Tempestades

Em muitos paizes da Europa tem havido grandes tempestades de granizo e de neve, produzindo enormes estragos na Inglaterra.

O Canal da Mancha tem estado agitadissimo, dando causa a que os vapores cheguem com atrazo sensivel.

Chronica Theatral

Henriqueta, ou a heroína do seculo XIX—drama de Augusto Garraio.

A companhia dramatica dirigida pelo actor Caetano Pinto havia annunciado para o dia do domingo ultimo, o drama *Henriqueta*, do sr. Augusto Garraio, em cuja peça debuta iam a actriz Evangelina e o actor Fernandes.

Esperava-se enorme concorrencia ao theatro, já porque a peça, apesar de antiga, tinha a recommendal-a, o nome laureado do auctor, já porque havia interesse em apreciar os meritos da actriz debutante que não são pequenos. Pois não obstante essas duas recommendações que eram magnificas não foi possivel conseguir mais de meia casa.

Mas mesmo com essa escassa concorrencia, lá subiu o panno ás 9 horas—porque não ha meio de evitar que o espectáculo comece antes. E, a proposito, e de passagem, diremos que não só a companhia tem a responsabilidade d'isso. Tambem cabe em grande parte ao publico. Os espectadores chegam quasi e sempre ao theatro muito depois da hora annunciada para o começo do espectáculo. Por outro lado, a empresa vai esperando por quem... não prometteu vir.

Mas como tudo isto corre a gosto de todos, ninguem protesta nem ninguem reclama. Antes assim, para evitar questões.

O drama, que se compõe de 5 actos é um epilogo quasi tão grande como a legua da Povoal—apesar da muita competencia de Augusto Garraio, tem scenas bastante precipitadas, que so atropellam, indo cahir no campo do inverosimil.

Mas a peça não é nova, e por isso, não é esta a occasião propria para dizer sobre a sua urdidura.

A nossa missão é fallar dos interpretes.

O papel principal foi distribuido a Evangelina (Henriqueta), e não podia desempenhal-o melhor.

Evangelina é artista, conhece bem os segredos do palco, e raras vezes temos visto, no nosso theatro, quem tão bem saiba dizer como ella.

Teve situação verdadeiramente dramaticas, scenas boas e defeito seguro.

N'aquella occasião em que atrahiu a sua casa a desventurada filha do veterano para a abandonar e entregar ao brasileiro em troca dos punhados de dinheiro que este lhe offereceu, a cilada do vinho já preparado para os brindes, vinho traiçoeiro que a fez adormecer, estendendo no sophá a pobre rapariga quando recebe o preço da sua infamia, e diz para o brasileiro: «ahi a tem, pertence-lhe»—voltando-lhe as costas, ao mesmo tempo que esboçava nos labios um sorriso escarninho,—todas essas passagens foram felicissimamente feitas por Evangelina.

E mais tarde, quando o vete-

rano de alma alanceada e com o coração retalhado pela dôr, veio reclamar a sua inditosa filha, Evangelina ainda foi magistral na resposta que deu ao infeliz pai arremessando-lhe aos pés o sacco de dinheiro—que havia servido para a compra da honra da filha!

E tambem não devemos esquecer aquella transicção da *heroína*, quando vendo-se abandonada dos fidalgos que lhe pagavam por bom preço os seus crimes, dirigiu-se á cruz, n'um desespero colerico, lançando ao mesmo tempo uma imprecação violenta ao nome d'essa gente, rugindo odios, espumando raiva! Mais tarde veio o remorso, o arrependimento, a dôr!

Mas... não podemos acompanhar em todas as scenas a intelligente actriz.

Bastará dizer que foi a ella a quem couberam as honras da noite.

Fernandes e Antunes, muito bem nos seus papeis.

Os restantes não desmancharam.

Na quinta-feira—O *Commissario de Policia*—engraçadissima comedia de Gervasio Lobato, em beneficio dos empregados do theatro.

O desempenho agradou, sobresahindo Augusto no papel de *Commissario*.

Na sexta-feira, 15 do corrente, e em beneficio do cofre da *Philharmonica Ovarense*, subiu á scena pela segunda vez o drama *Garra Leão*.

A casa estava cheia, e o publico retirou satisfeito com o desempenho.

Para hoje, e em beneficio da Ordem Terceira, teremos o drama de D. João da Camara—*A Rosa Engeitada*.

Consta que é o ultimo espectáculo da companhia, que retira no principio da semana para Ponte do Lima.

AGRADECIMENTO

A familia do fallecido Miguel Soares d'Almeida agradece pehoradissimo a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pezar e especialmente aquellas que acompanharam os restos mortaes á sua ultima morada, protestando a todas inolvidavel gratidão. Ovar, 21 de Fevereiro de 1907.

LECCIONA-SE

Francez pratico e sciencias naturaes.

J. Carvalho d'Almeida
Director da Escola Agricola.

EDITOS

Pelo juizo de direito da Comarca de Ovar e cartorio do escrivão Frederico Abragão, correm editos de 30 dias, contando da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando de executados Snrs. Marques da Silva—Filomena Andréa da Silva—Joaquim Hilario da Silva, solteiros, maiores—Emilia Isabel da Silva e Alcide Jacyntho da Silva, menores puberes e ainda estes dois na pessoa de sua mãe Dona Candida Augusta de Sousa e Silva, viuva e todos auzentes em parte incerta na Republica dos Estados Unidos do Brazil, para no praso de dez dias, findos os editos, pagarem no cartorio do Escrivão que esta passa a quantia de quatorse mil quatro centos e dez reis, de custas contadas no inventario de mesmo a que se procedeu por fallecimento de seu tio José Fernandes da Silva, ou nomearem á penhora bens sufficientes para o seu pagamento e custas accresci-

das, sob pena de se devolver a nomeação ao Ex.^{mo} Doutor Delegado na execução por custas e sellos que elle lhes move.

Ovar 18 de maio de 1906.

Verefiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

Lobo Castello Branco
O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha
Abragão.

EDITAL

Commando do districto de recrutamento e reserva n.º 24.

Faço saber que no dia 3 do mez de março proximo futuro pelas 8 da manhá, terá logar a revista d'inspecção annual em conformidade com o determinado artigo 60.º do regulamento para a organização das reservas de 2 de novembro de 1899, aos reservistas de 1.ª e 2.ª reserva, domiciliados nas freguesias de Esmoriz, Ovar e S. Vicente de Pereira Juzá, do concelho de Ovar, que deverão reunir-se em os Paços do Concelho de Ovar no dia e horas marcadas, munidos das respectivas cadernetas militares e com os artigos de fardamento que levaram quando passaram á 1.ª reserva; aquelles que deixarem de comparecer ou faltarem a algum dos preceitos indicados serão punidos, segundo as circumstancias, com as penas comminadas nos artigos 118.º, 119.º e 121.º do referido regulamento.

Os reservistas dispensados do serviço activo e do da 1.ª reserva, nos termos do artigo 116.º do regulamento do serviço de recrutamento do exercito e da armada de 6 d'agosto de 1886, não teem revista d'inspecção.

Quartel em Aveiro, 17 de janeiro de 1907.

O commandante int.º do districto

Celestino Marques do Couto

Cap. d'inf.ª

NOVA OFFICINA

CARPINTERIA E MARGENERIA

R. DOS CAMPOS—OVAR

O proprietario d'esta officina participa, aos seus amigos e ao publico em geral, que se encarrega de executar, com a maxima perfeição e modicidade de preços, todas as obras, que dizem respeito á sua arte.

Grande sortimento em malas.

Manoel Lopes (Palavra.)

Vendem-se

Uma casa alta, na estrada no taul'Fdouro, uma casa com quintado propria para lavrador, na rua ra Sobreiro, uma terra e juncal proximo da ponte da Moita e uma, terra no Poço.

Para tratar com Francisco Gomes Ramillo, na rua do Sobreiro.

CONVITE

ORDEM TERCEIRA

São convidados os N. N. C. C. Ir. Ir. a comparecerem no dia 24 do corrente, na igreja matriz, pelas 3 horas da tarde, com os seus habitos afim de se incorporarem na Nossa Procissão de Cinza.

O ministro

Desalço Coentro

ESTAÇÃO FRIORENTA

De joelhos eu pretendo,
Pois que, passado o Entrudo,
Por meu dever compreendo,
Confissão fazer de tudo,
Que por peccado entendo.

—Eu não sou dos *martelleiros*
O peiôr, nem o melhor,
Mesmo porqu'em *tuberneiros*
Não ha melhór, nem peiôr,
Pois nenhuns são verdadeiros.

E nada mais desejo eu,
Que pedir perdão ao freguez,
Seja nobre, ou plebeu,
Voltando cá muita vez
A provar sempre do *meu* . . .

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender
Azeitona d'Elvas a 220 reis o Kilo.
Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO
DE CALÇADO

DE
VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

EXTRACTO DO CATALOGO

DAS
Obras á venda no BAZAR FENIANO
DE

ANTONIO DA SILVA SANTOS

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

Edições d'esta casa

Continuação do Catalogo do Bazar Feniano

Verdadeira significação dos sonhos	60
Rei das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões	60
Historia dos dois compadres	60
Historia do Cura e Sacristão	60
Historia de Roberto do Diabo (verso)	66
Historia da Donzella Theodora (verso)	60
Historia do Barba Azul	60
Serenatas ao luar	60
Livro de S. Cypriano	200
A arte de namorar (prosa)	80
A Musa dos Namorados (verso)	60
Gato de Botas	60
Gata Borrallheira	60
Um abbade em calças pardas	60
As botas de sete leguas	50
Historia do Feiticeiro de Bronze	60
Historia da Massaroca d'Anastacio	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho	60
Historia da Princeza Clotilde	60
O abbade da Ramaladeira	60
Os amores de Laurinha	60
O Jardim Infernal	60
João de Calais (verso)	60
A Mariquinhas padeira	60
Carlos Magno (versos)	60
A Burrinha magica	60
A B C dos namorados	60
Princesa Magalona (verso)	60
Imperatriz Porcina (verso)	60
Bertoldinho (verso)	60
A formosa Mathildinha	60
Historia da encantadora Mercedes	60
Hirtoria da Princeza Leonor	60
» do Gaitero e a Velha das noses	60
» das Aventuras d'um Sacristão	60
» do João das Moças	60
A martyr da Honra	60
A filha Maldita	60
Historia do Conde Redondo	60
O Fradinho Atiradiço	60
O Conde de Monterey	60
Historia de João Urso	60

Porto—Typ. Peninsular—Rua de S. Chrispim, 18 a 28

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO.